

Patricia Tavares Raffaini

Universidade de São Paulo (USP),
Instituto de Estudos Brasileiros
(IEB), São Paulo, SP, Brasil.
raffaini@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-1921-6269>

Epistolography, Materiality and Digital History

Resumo: Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre como a análise da materialidade das fontes documentais, em específico da correspondência em arquivos pessoais, contribui para uma compreensão mais acurada das fontes. Nesse sentido, procura refletir sobre o impacto que os processos de digitalização de acervos e a consulta às fontes por meio digital trazem para a construção historiográfica e quais seriam as transformações teórico-metodológicas que essa prática instaura.

Palavras-chave: Epistolografia; Cultura material; História Digital

Abstract: This essay intends to reflect on how the analysis of the materiality of documentary sources, specifically correspondence in personal archives, contributes to a more accurate understanding of the sources. In this sense, it seeks to reflect on the impact that the processes of digitization of collections and the consultation of sources through digital means bring to the historiographical construction and what would be the theoretical-methodological transformations that this practice introduces.

Keywords: Epistolography; Material Culture; Digital History

Logo no início da obra *A Reforma da natureza*, quando Emília se vê sozinha no Sítio do Picapau Amarelo corre para a máquina de escrever para bater uma carta a uma amiga, uma menina que morava no Rio de Janeiro, cujo apelido era Rã¹. O objetivo da carta era convidá-la para ajudar na reforma da natureza, reforma essa que as duas empreendem juntas durante todo o livro. Se Monteiro Lobato estivesse escrevendo sua obra nos dias de hoje com certeza Emília enviaria uma mensagem via celular, ou faria uma chamada de vídeo para convidar a amiga. Mas, em 1941, quando a obra foi publicada, o usual era se recorrer às cartas quando era necessário entrar em contato com alguém que vivia em outra cidade. Apesar dos telefones já serem muito utilizados naquele momento, chamadas a distância não eram frequentes. Assim, tanto crianças, quanto adultos recorriam à epistolografia para se comunicarem, e nenhum leitor mirim ficaria surpreso em ler que Emília escrevia e recebia muitas cartas.

Esse gênero era tão popular que fazia parte do currículo, sendo ensinado nas escolas. As crianças das séries iniciais, assim que aprendiam a ler, começavam a exercitar a escrita por meio de correspondências, que seguiam modelos muito estabelecidos. As formas de datação, o uso dos pronomes de tratamento, a subscrição adequada, os modelos para cada circunstância, tudo isso era conteúdo a ser aprendido nos bancos escolares. E muitas vezes os professores sugeriam exercícios práticos aos alunos, como escrever a familiares distantes, ou mesmo aos pais, quando as crianças estudavam em internatos.

Assim, era também importante trabalhar e explorar a espacialidade e temporalidade específica da escrita epistolar, pois em uma correspondência quem escreve só será lido tempos depois, quando a carta chegar a seu destinatário. Desse modo a criança, ainda que de pouca idade, se colocava em um lugar onde era necessário compreender a distância temporal/espacial, na qual ela estava com relação ao outro. Nas narrativas epistolares a criança também entrava em contato com o uso de diversos tempos: ela poderia se referir a algo que aconteceu no passado, relembrando, ou apenas informando algo a seu interlocutor; poderia também mencionar algo que acontecia naquele presente, por exemplo o sentimento de saudades; ou ainda se referir ao futuro, imaginando e escrevendo sobre alguma coisa que gostaria que acontecesse. De qualquer forma, a escrita de cartas trazia para esses estudantes muito

¹ Esse artigo foi produzido durante o desenvolvimento da pesquisa "Humanidades digitais: Estudo piloto a partir do Fundo Fernando de Azevedo do Instituto de Estudos Brasileiros", sob a supervisão da Profa. Dra. Diana Vidal, com financiamento da área de Projetos Integrados de Pesquisa em áreas estratégicas, da Pró-reitoria de Pesquisa, PIPAE/PRP/USP.

mais do que a possibilidade de exercitar esse gênero, que era muito utilizado, ampliava sua relação com a temporalidade e a espacialidade. Algo que na atualidade com o uso de aplicativos de envio de mensagens como WhatsApp, Messenger, entre outros, não existe mais, já que crianças e também adultos esperam que mensagens sejam lidas quase que instantaneamente e respondidas com a mesma rapidez. A compreensão e aceitação de que o outro está em outro tempo e espaço diminuiu, causando uma enorme transformação, e por vezes interferências e dificuldades, na comunicação entre as pessoas e também no relacionamento social.

Refletindo sobre os impactos dos dispositivos portáteis conectados em tempo integral pela internet, Elias Thomé Saliba nos alerta sobre esse viver em um presente inflado, sobre o esmaecimento das percepções temporais e as transformações nas identidades sociais e nas subjetividades, que estão em curso na atualidade e por isso mesmo são difíceis de serem compreendidas.

Na voragem do universo digital fica difícil, senão impossível, distinguir um acontecimento de sua apreensão e, assim, os três níveis de percepção temporal - passado, presente, futuro – diluem-se, perdem quaisquer distâncias e modificam completamente sua percepção. Esta nova lógica do instante eliminaria do nosso horizonte o passado e o futuro atingindo a própria espessura da historicidade e da memória².

Mas, na década de 1940, tudo era muito diferente e, como prática cultural consolidada e usual, a escrita epistolográfica foi usada por Emília como recurso para convidar a amiga. E não foi a primeira vez que os personagens de Monteiro Lobato se comunicavam por correio. Em inúmeros momentos nas obras desse autor as cartas trazem notícias ao Sítio, como a que avisa que Pedrinho iria passar as férias com a avó e a prima, ou quando personagens de outras obras literárias e contos de fadas escrevem pedindo que D. Benta os recebesse em sua casa. Em *Circo de Escavatinhos*, de 1929, Lobato se refere as missivas enviadas aos convidados para o circo da seguinte forma:

Quem levou as cartas? Quem mais se não esses preciosos portadores chamados envelopes? Mas como os senhores envelopes não sabem chegar ao destino se não forem

² Elias Thomé Saliba. *Teoria da História em tempos digitais*. In: Marcia Gonçalves (org.). *Teorizar, aprender e ensinar História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2021, p. 28.

acompanhados dos senhores sobrescritos e de diversos senhores selos para acompanharem os senhores envelopes na longa viagem que tinham de fazer. E esses portadores se comportaram muito bem. Nenhum se distraiu pelo caminho com brincadeiras, de modo que as cartas foram parar direitinhas nas mãos de cada um dos convidados³.

E elas acabam ganhando uma ilustração especial feita por Belmonte que as mostra de forma pouco usual, recebendo perninhas e bracinhos para irem sozinhas onde deveriam: às casas das crianças amigas e leitoras.



Ilustração de Belmonte em Monteiro Lobato, *O Circo de Escavallinho*, 1929.

Talvez essa presença recorrente das cartas nas obras de Lobato tenha motivado as crianças a escreverem para o autor, que durante as décadas de 1930 e 1940, recebeu um conjunto generoso de cartas de crianças e jovens leitores, que ele carinhosamente as chamava de “meu pequeno tesouro particular”.

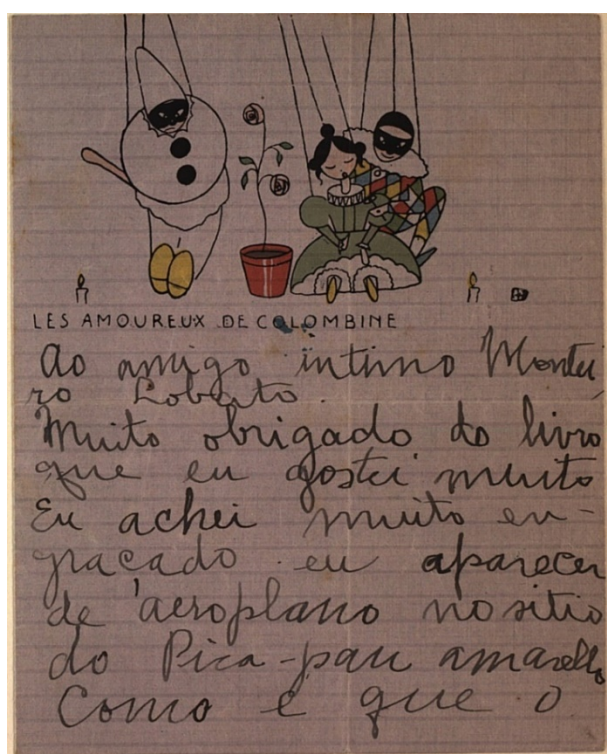
Esse conjunto documental foi doado por Lobato a Marina de Andrade Procópio de Carvalho em maio de 1946, juntamente com outros documentos pessoais, como passaportes antigos e um caderno onde Lobato registrou pela primeira vez o texto que mais tarde se transformou em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Posteriormente, com a morte de Marina, esses documentos ficaram sob a guarda de seu tio, Raul de Andrada e Silva, professor do departamento de História da Universidade de São Paulo, sendo depois de sua morte doados pelos herdeiros ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.⁴

As mais de trezentas cartas de leitores preservadas nessa instituição nos revelam que as crianças não só dominavam de forma plena

³ Monteiro Lobato. *O Circo de Escavallinho*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1929.

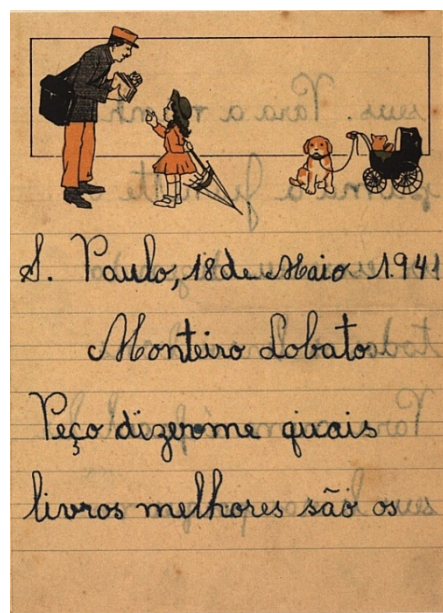
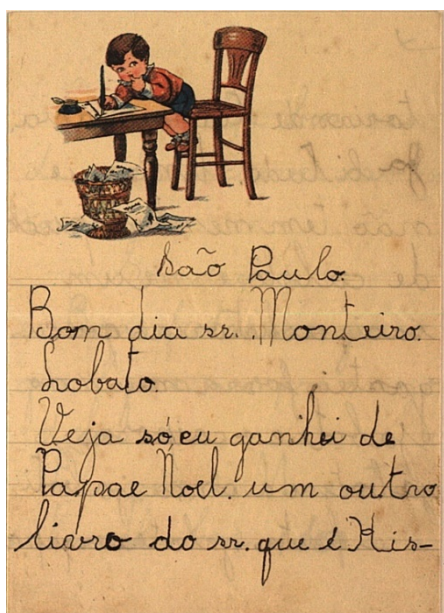
⁴ Patricia T. Raffaini. *Pequenos poemas em rosa. Vestígios da leitura ficcional na infância*. Tese de Doutorado em História: Universidade de São Paulo, 2008.

a escrita epistolográfica como, também construíam por meio dela, uma escrita de si, um retrato de como gostariam de ser vistas pelo escritor. A própria materialidade do documento já evidencia essa construção. Temos no conjunto de cartas preservado diversos tipos de papel e envelopes, acompanhados ou não de desenhos e fotografias. Os papéis escolhidos pelas crianças nos indicam muito sobre a prática epistolográfica. Papéis de carta específicos para o uso infantil em tamanho menor, coloridos e com ilustrações que remetiam a desenhos animados, personagens infantis ou mesmo crianças escrevendo cartas, nos revelam que havia um mercado especializado nesse tipo de artefato. E que muitas vezes nos dá alguns indícios sobre a classe social a qual a criança pertencia, e a importância que os adultos davam a essa prática, já que os papéis de carta, envelopes, assim como os livros eram comprados por pais ou familiares das crianças. Na imagem abaixo temos um exemplo: uma carta enviada ao escritor por Alariquinho, filho de Alarico da Silveira, amigo pessoal de Monteiro Lobato e que, naquele momento, provavelmente 1929, era secretário do presidente da república Washington Luiz. O papel de carta traz a ilustração de Pierrot, Colombina e Arlequino como marionetes, em um papel de cor azulada e que possui uma marca d'água que permite ser identificado como tendo sido fabricado em Paris.



Carta de Alarico Silveira Júnior a Monteiro Lobato. Fundo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP. Dimensões: 9,30 x 12 cm.

Outros papéis de carta, os desenhos se referem à própria prática epistolográfica, e mostram crianças em escrivaninhas, com cestos repletos de rascunhos amassados, ou ainda carteiros entregando cartas, como vemos nos exemplos reproduzidos abaixo. Em um período no qual ainda não existiam canetas esferográficas e a escrita com a pena era aprendida logo no início da vida escolar, não sem dificuldades, borrões e caligrafias irregulares nos informam que a criança ainda estava aprendendo a usar esses artefatos de escrita. E muitas delas comentam nas cartas essa dificuldade, ou pedem desculpas por ainda não escreverem de forma adequada. O próprio uso de pauta auxilia nessa escrita precoce, já que na correspondência adulta em sua maioria não temos essa presença. Alguns papéis utilizam inclusive pautas que se assemelham aos cadernos de caligrafia, com linhas que conduzem a escrita de letras maiúsculas e minúsculas, como no exemplo da carta abaixo, que tem uma ilustração de um carteiro junto a uma pequena menina com seu guarda-chuva e carrinho de bonecas.



Cartas de Flávio Lange de Morretes e de Carlota a Monteiro Lobato. Fundo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP.
Dimensões: 8,5 x 11 cm.

Poucas são as cartas encontradas neste conjunto que eram datilografadas, mas quando isso acontece, frequentemente temos a menção que a criança ou o jovem leitor estavam utilizando a máquina dos pais, e isso parece revelar uma vontade da criança ser vista como já crescida, pois já estavam aprendendo a manejar esse equipamento, que não era usual. Da mesma forma, temos o uso por algumas crianças e jovens de papéis timbrados, com o nome completo ou somente as iniciais,

papéis que foram confeccionados para o uso pessoal daquele indivíduo, prática também recorrente em determinada camada social, mais abastada. Em muitos casos a criança expressa por escrito que escolheu o papel timbrado com o nome do pai para que o escritor saiba de quem ela é filha. Outros leitores escrevem se desculpando por não utilizar papéis apropriados, escrevendo em papéis muito finos ou mesmo de rascunho. A materialidade esperada na troca de missivas aparece de forma explícita na correspondência dos leitores ao escritor e nos revela que para além dos modelos epistolográficos, existia também uma série de normas e padrões referentes ao uso de artefatos na escrita que poderia explicitar muito sobre quem era o remetente.

Em língua portuguesa a própria etimologia da palavra carta carrega esse significado ligado a materialidade, sendo proveniente do grego *khartes*, que significa folha de papiro, se refere ao suporte que receberia a escrita, e que em latim se transforma em *charta*. Já a denominação sinônima epístola, deriva do grego *espitolē*, estando relacionada a uma ação: ao ato de enviar algo a alguém. Em francês ou inglês temos uma outra origem para as palavras *lettre* e *letter*, ambas provenientes do latim, *littera* que significa o caractere da escrita, a letra, se referindo assim ao que está escrito, e não o suporte onde está escrito, ou o ato de enviar essa mensagem.

Outro aspecto importante que transparece nas cartas é a escrita como algo íntimo, feito em uma escrivaninha, ou uma mesa no quarto, em um momento de silêncio, onde o remetente está exclusivamente pensando no destinatário. No caso das cartas escritas a Monteiro Lobato a afetividade está muito presente, mas claro devemos nos lembrar que esse é um corpus que foi preservado pelo próprio escritor, que com certeza fez uma triagem e escolheu as que mais o agradavam em diversos aspectos. O caráter de ligação afetiva é importante e está presente na correspondência pessoal de inúmeros fundos arquivísticos, nos revelando que as cartas são mecanismos que possibilitam a construção de um relacionamento íntimo mesmo que distante espacialmente. Nessa construção a materialidade ocupa um lugar importante, como nos mostra Angela de Castro Gomes: “A linguagem, o vocabulário e também as marcas materiais (cor do papel, desenhos, inscrições) que uma carta pode conter sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que está em jogo”⁵.

Na correspondência enviada pelos leitores a Lobato podemos observar o cuidado na escolha dos papéis e envelopes, na confecção da

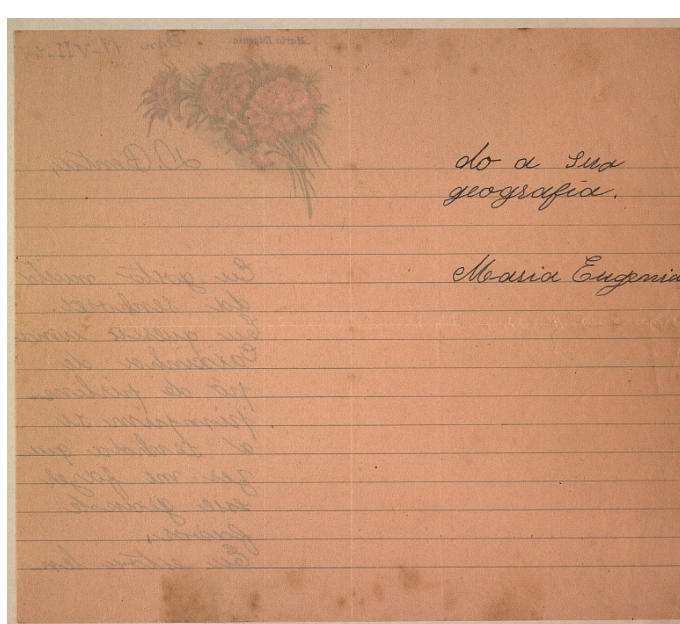
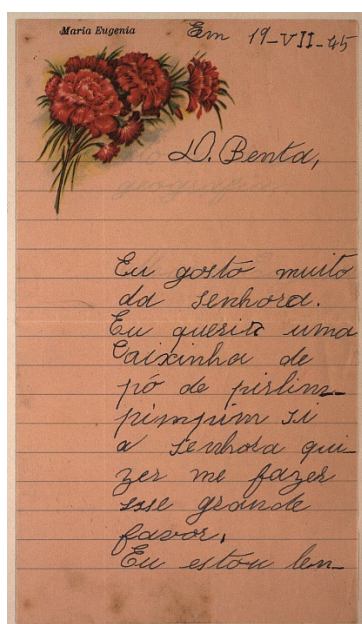
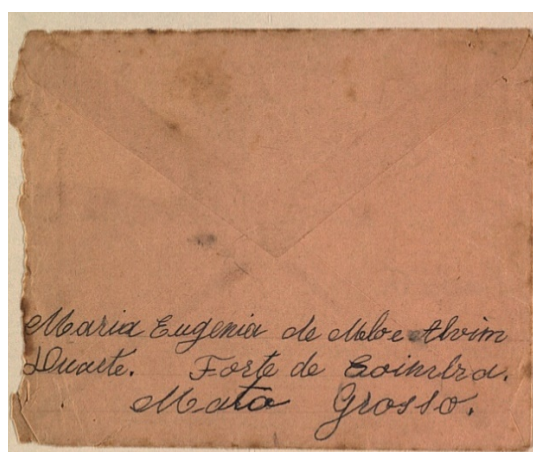
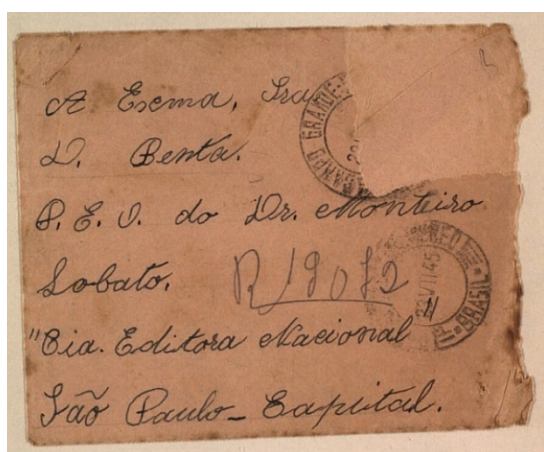
⁵ Angela de Castro Gomes. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: *Escrita de Si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 21.

carta. Assim como em outros arquivos pessoais, temos um número muito reduzido de envelopes no conjunto documental preservado. Essa ausência quase total dos envelopes que acompanhavam as cartas, que parece ser um padrão em arquivos pessoais, talvez indique que os destinatários davam mais importância para o conteúdo, para a mensagem enviada, descartando logo após a abertura o envelope que continha a carta. Indivíduos metódicos abriam seus envelopes com um artefato específico para esse fim, nesse caso o abridor de cartas poderia ser feito em madeira, marfim, ou mesmo metais nobres como o bronze e a prata. Destinatários mais afoitos poderiam abrir com as mãos, rasgando o papel, muitas vezes inutilizando o envelope, fazendo com que as informações contidas nele ficassem perdidas.

Os poucos envelopes existentes no acervo estudado mostram que Lobato provavelmente abria as cartas sem o uso desse artefato, pois nos três envelopes encontrados temos traços de terem sido abertos se rasgando o canto lateral a direita. E em um deles temos um grande rasgo que corta diagonalmente o envelope, mas mesmo danificado, com sua materialidade comprometida, o envelope foi preservado pelo escritor em seu arquivo.

Podemos nos perguntar porque o escritor conservou esses poucos envelopes enviados por seus leitores? As respostas parecem ser diferentes para cada um dos documentos. No caso do envelope e carta enviados por uma menina chamada Maria Eugênia, o que parece ter motivado Lobato a guardar o documento é uma peculiaridade interessante: a leitora endereçou a carta a D. Benta, por intermédio de Monteiro Lobato, utilizando como endereço somente "Cia Editora Nacional". O documento apresenta o local onde o selo foi colocado, rasgado, mas apesar disso ainda encontramos a data de postagem: 25 de julho de 1945. No verso do envelope temos a informação de onde residia a pequena leitora: Forte de Coimbra, Mato Grosso. Uma localidade remota, mesmo nos dias de hoje, quase fronteira com a Bolívia. O forte, uma base militar, se localiza nas margens do rio Paraguai, acessível somente por barco, e dista mais de 400 quilômetros de Campo Grande, o que talvez explique porque a carta foi escrita em 19 de julho e postada somente seis dias depois. Ter acesso a essa informação sobre o local de onde a leitora escrevia, e que está presente somente no envelope, nos revela a dimensão da circulação dos livros infantis de Monteiro Lobato. Se fossemos apenas levar em consideração as informações que o breve texto da missiva nos traz não suspeitaríamos que a leitora escrevia de um lugar tão distante das capitais. A partir desse dado ficamos imaginando como o livro que ela informa estar lendo, a *Geografia de Dona Benta*, chegou até

ela. Foi comprado em Campo Grande? Ou teria vindo de outra capital? A carta parece ter sido escrita com o único objetivo de pedir a D. Benta um pouco do pó de pirlimpimpim. O que a pequena leitora imaginava fazer com tal pó mágico? Visitar o Sítio do Pica-Pau Amarelo? Visitar outros parentes ou amigos que residiam longe de sua localidade? Porque endereça a carta a D. Benta e não a alguma das crianças: Narizinho, Pedrinho ou mesmo Emília? Não temos como saber, pois essa foi a única carta preservada dessa leitora no acervo estudado. Poucos meses depois Lobato partiria para viver em Buenos Aires, Argentina, então se a correspondência teve continuidade, como ocorreu com outros leitores, essas cartas ficaram com o próprio escritor, não tendo sido preservadas no conjunto estudado.



Envelope e carta de Maria Eugênia de Melo e Alvim Duarte a Monteiro Lobato. Fundo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP. Dimensões: 11,50 x 14,50 cm.

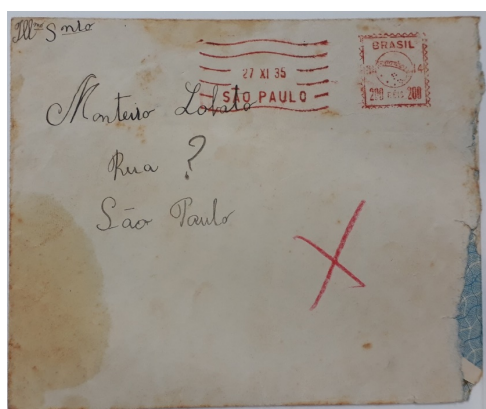
No papel utilizado para a carta, que parece ser o conjunto com o envelope pelo tamanho e cor, temos algumas marcas que comentamos acima. No papel cor de rosa com pauta temos uma ilustração de cravos vermelhos com o nome Maria Eugenia timbrado, vestígio de que não somente livros chegavam até a leitora, mas também refinados artigos de papelaria, que levavam seu nome. A menina escreve em pena e tinta azul escuro, com uma caligrafia caprichada, mas um pouco hesitante, o que pode revelar que era uma criança não muito pequena, que já dominava a escrita com caneta de pena.

No conjunto de documentos analisados esse é o único caso de uma carta que foi preservada junto com seu envelope, pois para os outros dois envelopes encontrados, não foi possível reconhecer quais seriam as cartas que os acompanhavam. No entanto, isso não diminui sua importância para compreendermos melhor a relação do escritor e seus leitores, assim como quanto o intelectual era conhecido e poderia ser encontrado mesmo com pouquíssimas indicações em um envelope. No primeiro exemplo temos um envelope que tem uma materialidade bastante precária, o papel tem dois rasgos que percorrem na diagonal quase todo o envelope. Possui um selo de 700 réis, e um carimbo postal muito esmaecido, onde o dia e o mês estão visíveis: 16 de maio, mas pelo qual não podemos precisar com certeza o ano, possivelmente 1938 ou 1936. O rasgo encontrado no documento parece indicar que a carta foi aberta com pressa, e como danificou muito o envelope, podemos pensar porque Lobato escolheu preservá-lo? Talvez a chave para compreender a presença do envelope danificado no acervo esteja na forma que o leitor resolveu utilizar para endereça-la: "Illmo. Snr. Dr. Monteiro Lobato, Companhia Editora Nacional, São Paulo, ou Livraria José Olympio, Rua do Ouvidor, n. 10, Rio de Janeiro, ou onde ele estiver". Aqui escritor e sua obra parecem se fundir, poderiam assim estar em vários lugares, editoras ou livrarias. Ou ainda o leitor, não tendo o endereço correto, optou por colocar dois endereços onde imaginava que conhecessem o paradeiro do escritor. A nota curiosa é o "onde ele estiver" ao final, escrita talvez por um leitor que ao ler *Circo de Escavallinhos* imaginava que a carta pudesse magicamente chegar em seu destino. O envelope traz ainda alguns riscos em caneta preta, feitos possivelmente pelo carteiro e uma marca em X vermelho, que foi encontrada em muitas das cartas de leitores, e parece ter sido feita pelo próprio Lobato, indicando talvez para outros leitores, as cartas que mereciam destaque. Sabemos pela biografia escrita por Edgard Cavalheiro, que as cartas que Lobato recebia circulavam entre vários escritores e amigos.



Envelope de carta a Monteiro Lobato. Fundo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP.

O segundo exemplo parece contar com a certeza de que o escritor era tão conhecido que não seria necessário dar muitas informações sobre seu paradeiro. O envelope, que foi aberto com um rasgo feito com certo cuidado na lateral direita, traz carimbo postal de 27 de novembro de 1935. Em escrita a pena e tinta preta temos somente: "Ilmo. Snro. Monteiro Lobato, Rua ?, São Paulo". A letra infantil remete a um leitor bem jovem que não possuindo nenhuma informação além da que Lobato vivia em São Paulo, resolve arriscar e enviar a carta com um ponto de interrogação ao invés do nome da rua. E conseguiu seu objetivo, pois a carta não só chegou ao destinatário, quanto foi preservada cuidadosamente por esse. Talvez como documento de como ele era conhecido e podia ser encontrado mesmo sem praticamente nenhuma indicação do endereço.



Envelope de carta a Monteiro Lobato. Fundo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato. Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP.

Os poucos exemplos que temos no conjunto analisado nos mostram que envelopes, quando preservados, podem trazer inúmeras informações: a data de postagem, os selos, a forma de tratamento, onde o destinatário e o remetente se encontravam quando se deu a troca de correspondência. Dados que não só nos ajudam a compreender melhor a carta que foi enviada, como revelam aspectos importantes que extrapolam o documento.

Outros sinais presentes nas cartas como a caligrafia, desenhos e garatujas feitas por vezes nas margens, também revelam a proximidade que o remetente tem para com o destinatário. Na análise das cartas uma caligrafia caprichada, o fato da escrita ter sido revisada, e a carta refeita, ou se ao contrário o remetente a envia sem reler ou corrigir, algo que muitas vezes ao final da missiva está indicado por escrito, pode nos indicar a pressa em enviar notícias, ou a sobrecarga de afazeres, mas também o grau de intimidade que se tem nesse relacionamento epistolográfico.

Em um outro conjunto de cartas e cartões enviados por Guimarães Rosa às suas netas Vera e Beatriz Tess, publicados em o *Ooó do Vovô*⁶, temos o desenvolvimento de uma “escrita” baseada em pictogramas, pequenos desenhos que poderiam ser reconhecidos pela neta que começava a falar, e que facilmente poderia reconhecer sons, personagens e objetos desenhados pelo avô. Como residia no Rio de Janeiro e suas netas em São Paulo, Guimarães Rosa usou desenhos e escrita para combinar idas ao Rio e as atividades que fariam juntos. A criação de uma “escrita” pictórica por Guimarães Rosa na comunicação epistolográfica com suas netas revela que os desenhos além de serem carregados de afetividade, nos informam muito sobre o caráter íntimo da escrita, podem exprimir sentimentos ou mesmo informações que não seriam possíveis de modo escrito. Assim o efeito é um se escrevemos “te mando um caminhão de beijos” e outro se por meio de um desenho, como fez Guimarães Rosa, representamos esse caminhão. Para além de terem cumprido sua função na troca de ideias e sentimentos entre um avô e suas netas, as cartas e cartões escritos por Guimarães Rosa nos revelam uma faceta do escritor que não poderíamos suspeitar por suas obras literárias.

⁶ João Guimarães Rosa. *Ooó do Vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joaozinho com Vera e Beatriz Helena Tess*. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/ Puc Minas/ Imprensa Oficial, 2003.



Cartão postal de João Guimarães Rosa a Vera Tess. Publicado em *Ooó do Vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joaozinho com Vera e Beatriz Helena Tess*.

Sobre como a materialidade do documento epistolográfico interfere na compreensão do mesmo, Alan Pagès, especialista na correspondência de Émile Zola, nos alerta:

(...) uma carta comunica sua mensagem não somente pelo texto que propõe, mas também pela multiplicidade dos signos que acompanham o texto: a forma da escrita, a ocupação do espaço da página, o número de folhas, os acréscimos colocados nas margens, a assinatura etc.⁷.

Por isso as transcrições, edições de correspondência, mesmo quando muito bem feitas, tendem, em certa medida, a esvaziar a percepção do documento como um todo. A materialidade das cartas pode ser descrita em uma obra, mas todas as informações que carrega, o tipo de papel, os desenhos ou ilustrações, a caligrafia, como a escrita ocupa espaço na folha, a forma pela qual o remetente assina o documento e muitos outros elementos se perdem. Quando a edição apresenta os documentos em sua versão fac-símile, como a obra *Ooó do Vovô*, isso traz uma melhor compreensão do que seria essa materialidade. Mas, mesmo assim, existem características organolépticas que se perdem. As dimensões, a espessura do papel, elementos que podem contribuir para que o documento seja melhor compreendido.

⁷ Alain Pagès. "A materialidade epistolar. O que nos dizem os manuscritos autógrafos". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 67 (ago. 2017), p. 107.

Em tempos de digitalização dos acervos essas considerações sobre a materialidade intrínseca da correspondência podem nos ajudar a pensar em como o documento se transforma ao ser transcrito e editado, e também quando é digitalizado e se torna disponível em plataformas acessíveis de forma remota pela rede mundial de computadores.

Em um texto já clássico, escrito em 1981, Arlete Farge faz uma reflexão sobre o acesso aos documentos de um arquivo em sua versão microfilmada:

Úteis para a conservação, esses sistemas de reprodução do arquivo permitem evidentemente outras maneiras fecundas de colocar questões aos textos, mas farão com que alguns esqueçam a abordagem tátil e imediata do material, essa sensação apreensível de vestígios do passado. O arquivo manuscrito é um material vivo, enquanto sua reprodução microfilmada é um pouco letra morta, ainda que se revele necessária⁸.

Existente antes do advento da digitalização de obras e documentos, o processo de microfilmagem permite reproduzir, de forma miniaturizada, documentos em filme por meio de processo fotográfico analógico. Foi muito utilizado para a preservação de documentos que tinham uma materialidade fragilizada e que deveriam ser poupados do manuseio, ou mesmo documentos comerciais que deveriam ser preservados por determinado tempo. Os filmes que possuíam diversos tamanhos eram lidos em grandes equipamentos, que ampliavam os fotogramas, permitindo sua leitura. Nessa forma de registro analógica era impensável fazer uma busca por palavras por exemplo, o pesquisador deveria ler todo o conjunto documental e fazer suas anotações. O que muitas vezes causava certo sofrimento ocular, pois a luz que tornava possível a leitura dos microfilmes era bastante forte.

Durante a década de 1990 e o início dos anos 2000, parte dos microfilmes existentes nas instituições de guarda foram digitalizados e ficaram disponíveis em versões eletrônicas para consulta, em um primeiro momento de digitalização dos acervos. Mas será que poderíamos estender essa qualificação de “um pouco letra morta”, utilizada por Farge, para documentos que foram digitalizados? O que se ganha e o que se perde com a digitalização dos acervos? Quais seriam as diferenças em se trabalhar com documentos originais, nos arquivos onde estão preservados e a reprodução desses documentos em meios digitais?

⁸ Arlete Farge. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2017, p. 22.

Nos dias de hoje é praticamente impossível pensar em se fazer pesquisa histórica sem o uso de ferramentas digitais. Utilizando desde artigos e livros acessíveis em bibliotecas digitais de livre acesso; portais como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; ou arquivos que possuem acervos com documentação digitalizada, historiadores navegam, leem, analisam suas fontes em telas muitas vezes distantes centenas ou milhares de quilômetros dos acervos que guardam os documentos originais. No entanto, nem sempre se dão conta de que ao fazer isso estão entrando em contato não com o documento em si, mas com uma reprodução desse documento. A respeito dessa transformação no suporte da informação Eric Brasil e Leonardo Nascimento fazem reflexões importantes:

Quando um registro histórico — seja ele um manuscrito, uma carta, uma edição de jornal, uma foto, um livro etc. — converte-se, por meio de algum processo computacional, em um documento digital, ocorre aí uma mudança que dificilmente poderia ser considerada trivial. Apesar de a informação contida na fonte continuar “sendo a mesma” — no sentido de que a digitalização não alteraria substancialmente o conteúdo do registro histórico —, podemos dizer que a modificação na “materialidade” da fonte histórica nos conduz, inevitavelmente, a uma nova condição em relação ao modo de lidarmos com a informação ali contida⁹.

Na transformação da materialidade temos também a mudança completa na forma de acessar as informações contidas nos documentos. Além de poderem ser reproduzidos e compartilhados quase que indefinidamente, os documentos podem ser consultados segundo buscas por palavras chaves, favorecendo uma leitura não contínua. Roger Chartier, há duas décadas atrás, já alertava para como os meios digitais propiciam uma leitura distanciada e por vezes fragmentada.

A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um web site),

⁹ Eric Brasil; Leonardo Fernandes Nascimento. “História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica”. *Estudos Históricos*, 69 (jan.-abril 2020), pp. 196-219.

sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento¹⁰.

Isso se potencializa ainda mais no trabalho de pesquisa em epistolografia, pois a leitura descontínua impossibilita a compreensão mais acurada desse relacionamento por escrito entre dois indivíduos. As cartas muitas vezes são esse espaço onde se esboça o segredo, onde as coisas estão subentendidas, nem sempre os assuntos são abordados de forma clara e precisa. Se tivermos a possibilidade de acessar tanto a correspondência passiva quanto ativa de um determinado indivíduo, veremos que muitas das perguntas feitas em uma missiva não são respondidas pelo parceiro na carta seguinte, por esquecimento, ou mesmo de forma proposital. A pergunta fica no ar e cabe ao historiador buscar compreender porque ela não foi respondida, pois muitas vezes uma não resposta pode nos dizer muitas coisas. Na correspondência trocada temos um discurso chamado por Angela de Castro Gomes de inconcluso, multifacetado:

(...) a correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos- exteriores e interiores-, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro. Um tipo de discurso multifacetado, com temas desordenados, que podem ou não ser retomados e desenvolvidos, deixando às vezes bem claro até onde se diz alguma coisa. A carta pessoal “diz” que o segredo existe, explicitando seus limites, ou faz crer que ele não existe e que a confissão é plena¹¹.

Assim, se em um primeiro momento podemos sondar nossas fontes epistolográficas digitais com o auxílio de buscas por termos ou palavras, um segundo momento de leitura atenta e completa é extremamente necessário. Pois somente com essa leitura extensiva e cuidadosa, feita e refeita muitas vezes, é que podemos de fato acessar esse espaço de sociabilidade que as cartas pessoais são. Apenas com a leitura aprofundada é que podemos vislumbrar aspectos que não estão explícitos nos documentos.

¹⁰ Roger Chartier. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 23.

¹¹ Angela de Castro Gomes. “Escrita de si, escrita da História”, op. cit., p. 21.

No trabalho com fontes disponíveis na forma digital o rigor metodológico não deve ser menor do que o com a documentação original, em suportes materiais como o papel. Justamente porque o universo digital possibilita que tenhamos acesso a um contingente documental gigantesco, reproduzido e facilmente armazenado, que pode ser consultado e trabalhado por inúmeros softwares de análise de dados, possibilitando investigações antes impensáveis, é que devemos ter clareza de quais são nossas perguntas as fontes. Por mais que os softwares de análises de dados qualitativos, conhecidos como CAQDAS (Computer Assisted Qualitative Data Analysis) nos auxiliem a trabalhar com uma quantidade grande de documentos, cabe ao historiador selecionar essas fontes, indexá-las e analisá-las em busca de algumas respostas. Os softwares são alimentados pelo próprio pesquisador em seu trabalho diário, por meio da leitura atenta, pelos índices que nós criamos a partir dessa leitura. Para isso, é importante ter muito bem delimitado quais são os objetivos da pesquisa, quais são as questões que norteiam nossa investigação e de que forma pretendemos conduzi-la.

Além disso, é importante termos consciência de que ao serem digitalizados os documentos passam por uma rematerialização. Afinal, as cartas digitalizadas deixam o suporte papel, para estarem fisicamente acondicionadas sob a forma de bytes, em servidores, computadores que possuem uma grande capacidade de armazenamento e processamento, e que são capazes de se conectar a outros computadores através de uma rede. Assim, quando utilizamos uma palavra etérea como “nuvem”, para se referir ao local onde esses documentos estão preservados, ela pode nos levar a imaginar que aquele documento não existe de fato, é virtual, paira em um lugar imaginário sobre nossas cabeças. Termos como esse encobrem uma realidade bastante material do universo digital, servidores eficientes que preservam a documentação de grandes acervos tem um custo importante, tanto para sua aquisição quanto para sua manutenção.

Além disso, a rematerialização envolve o desaparecimento parcial ou total de uma considerável gama de propriedades organolépticas (a cor, o brilho, a luz, o odor, a textura, a maciez, o som, o sabor etc.) que, de fato, podem ser determinantes na descrição de determinadas fontes históricas¹².

¹² Eric Brasil; Leonardo Fernandes Nascimento. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 33, nº 69, p. 196-219, Jan-Abril 2020. P. 201.

Dependendo das escolhas teórico-metodológicas de nossa pesquisa, refletir sobre a materialidade intrínseca das nossas fontes é imprescindível. No caso do trabalho com correspondências em arquivos pessoais a materialidade parece ser determinante para uma compreensão mais acurada das fontes, como quisemos mostrar com os exemplos das cartas de leitores a Monteiro Lobato. Mesmo se nossas fontes nos forem acessíveis somente por meio das reproduções disponíveis em ambientes digitais, devemos sempre estar conscientes de que temos acesso a uma reprodução, que pode inclusive conter erros ou mesmo ausências, e atentos ao que elas podem nos revelar ou esconder.

Referências

- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia R. de; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furação na botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo F. "História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica". *Estudos Históricos*, 69 (jan.-abril 2020), pp. 196-219.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2017.
- GALVÃO, Walnice N.; GOTLIEB, Nádia B. *Prezado Senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GOMES, Angela de Castro. "Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo". In: *Escrita de Si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, pp. 7-24.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Ooó do Vovô: correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joaozinho com Vera e Beatriz Helena Tess*. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/ Puc Minas; Imprensa Oficial, 2003.
- PAGÈS, Alain. "A materialidade epistolar. O que nos dizem os manuscritos autógrafos". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 67 (ago. 2017), pp. 106- 123.
- QUINTARELLI, Stefano. *Instruções para um futuro imaterial*. São Paulo: Elefante, 2019.
- RAFFAINI, Patricia T. *Pequenos poemas em rosa. Vestígios da leitura ficcional na infância*. Tese de Doutorado em História: Universidade de São Paulo, 2008.
- ROSENZWEIG, Roy (org.). *Clio wired: the future of the past in the digital age*. Nova York: Columbia University Press, 2011.
- ROSENZWEIG, Roy; COHEN, Daniel. *Digital History: a guide to gathering preserving and presenting the past on the web*. Disponível em <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory>
- SALIBA, Elias Thomé. *Teoria da História em tempos digitais*. In: GONÇALVES, Marcia (org.). *Teorizar, aprender e ensinar História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2021.

Recebido em: 15/09/2022.

Aceito em: 06/11/2022.